

Rachel de Queiroz e a emancipação feminina em “Dôra, Doralina”: dor e liberdade

**Rachel de Queiroz and the female emancipation in “Dôra, Doralina”:
suffering and freedom**

Luciane Watthier¹
luciane.watthier@unioeste.br
Murilo Vieira Santos²
vieirasantosmurilo@gmail.com

Resumo: Na literatura ibero-americana, destaca-se, entre outros importantes nomes, uma mulher que atuou como jornalista, tradutora, cronista prolífica e dramaturga brasileira: Rachel de Queiroz. Entre suas publicações, “Dôra, Doralina”, um romance publicado no ano de 1975, representa a luta pela emancipação feminina, narrando como a personagem principal tenta transitar da condição de mulher submissa para tentar conquistar a liberdade de ser o que deseja, enfrentando a dor necessária para que isso seja possível, amadurecendo e buscando sua identidade. Nesse sentido, o presente artigo busca analisar as construções de sentido a respeito dos temas “dor” e “liberdade” presente na referida obra. Para isso, pauta-se na análise discursiva da obra, além de trechos de uma entrevista dada pela autora ao programa Roda Viva, em 1991, quando ela discorreu sobre alguns dos temas presentes no livro. Outra importante referência deste artigo é Cristina Ferreira Pinto (1990). Entretanto, também nos pautamos em autores como Antonio Candido (1972), Bakhtin (1997 [1979]), Alfredo Bosi (1994), entre outros. A análise conclui que a “dor” é um dos principais elementos e sentimentos trabalhados na obra, e que a sua construção se dá para a reafirmação de que ele seria um elemento constante e contínuo da vida, que acompanha a todo momento, sobretudo, o feminino. Além disso, o artigo conclui que, na obra, o conceito de liberdade não é, de fato, alcançado pela protagonista.

Palavras-chave: Raquel de Queiroz; emancipação feminina; literatura ibero-americana.

Abstract: In Ibero-American literature, among other names, a woman who worked as a journalist, translator, prolific chronicles, and Brazilian playwright must be highlighted: Raquel de Queiroz. One of her publications, “Dôra, Doralina”, a novel released in 1975, represents the battle for female emancipation, telling the reader how the main character goes through the condition of a

¹ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) atuando no Curso de graduação em Letras. Professora da Rede Estadual de ensino do Paraná, das disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) (2016). Mestre em Letras, com concentração em Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) (2010). Graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

² Graduação em andamento em Letras - Inglês. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Brasil.

submissive woman to one who attempts to achieve the freedom of being who she desires, fighting the suffering she needs to make it possible, growing and looking for her identity. This way, this article intends to create an analysis of the themes of “suffering” and “freedom” that are present in the work. For that, the article is based on the discursive analyses of the work, beyond that, it used pieces of an interview given by the author to the television show *Roda Viva*, in 1991, when she talked about some of the themes that appear on the book. Another important source of this article is Cristina Ferrerira Pinto (1990). Nonetheless, we also based ourselves on authors such as Antonio Candido (1972), Bakhtin (1997, [1979]), Alfredo Bosi (1994), and others. The analysis concludes that “suffering” is one of the main themes developed in the novel, and its construction happens to reassure it as a constant and continuous element of life, that comes with, through every time and mainly, the feminine. Besides that, the article concludes that, in the novel, the idea of “freedom” is not reached by the main character.

Palavras-chave: Raquel de Queiroz; female emancipation; Ibero-American literature.

INTRODUÇÃO

Rachel de Queiroz é um nome que se destaca na literatura ibero-americana como jornalista, tradutora, cronista prolífica e dramaturga brasileira. Entre suas inúmeras publicações, temos “Dôra, Doralina”, um romance publicado em 1975, considerado como a expressão da emancipação feminina, narrando como a personagem principal transita entre a submissão à figura masculina e a “liberdade”. Nesse caminho, muito episódios de sua vida expressam, com muita clareza, as dores pelas quais passa a personagem e que a constituem enquanto uma mulher em busca da liberdade.

Dedicando-se à análise discursiva desse romance, o presente artigo busca analisar as construções de sentido a respeito dos temas “dor” e “liberdade” presente na referida obra. Dessa forma, traz temas como questionamento existencial, preocupação social e política, espiritualidade, emancipação, paixão, entre outros.

A base teórica deste trabalho é constituída por trechos de uma entrevista dada pela autora ao programa “Roda Viva”, em 1991, abordando seu ponto de vista em relação a esses temas presentes em “Dôra, Doralina”. Outra importante referência deste artigo é o livro “*O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*”, de Cristina Ferreira Pinto (1990), que aborda a respeito dos romances de formação (*Bildungsroman*) da autora

e de outras escritoras da literatura modernista brasileira. Entretanto, também nos pautamos em autores como Antonio Candido (1972), Bakhtin (1997 [1979]), Alfredo Bosi (1994), entre outros.

Este artigo se faz necessário visto a impossibilidade de aplicação da conclusão de Cristina Pinto (1990) a respeito da obra, que afirma que a protagonista teria conseguido superar as limitações impostas às mulheres (Pinto, 1990, p.76). Assim, a análise aqui apresentada mostra que a liberdade não é, de fato, alcançada por Dôra, no romance. Em outras palavras, este estudo traz análises que contribuem para o entendimento da obra específica e da visão de mundo de Raquel de Queiroz, considerada polêmica e incoerente por vários autores e jornalistas de sua época, devido a seus posicionamentos políticos e, também, sobre o feminismo. Além disso, reforça a necessidade de discussões sobre o complexo tema que é a liberdade feminina.

O artigo traz, inicialmente, uma seção dedicada à compreensão das principais ideias e discussões presentes na obra “Dôra, Doralina”, bem como reflexões a respeito da sua classificação, de acordo com Pinto (1990), como um romance de formação. Na sequência, a partir de uma entrevista dada pela autora Rachel de Queiroz ao programa “Roda Viva”, em 1991, explora-se alguns de seus pontos de vista ideológicos em comparação às ideias presentes na obra analisada. Após, o artigo traça os novos entendimentos sobre os elementos “dor” e sua apresentação no romance e, na seção seguinte, a reflexão se volta ao elemento “liberdade” em “Dôra, Doralina”. Por fim, apresenta-se as considerações finais e as referências citadas no decorrer do texto.

"DÔRA, DORALINA": UM ROMANCE DE FORMAÇÃO

Nesta sessão, o objetivo é apresentar as principais ideias presentes na obra “Dôra, Doralina”, de forma a contextualizar o enredo e as personagens do romance, além de destacar temas e pontos importantes da história. Além disso, será abordada a classificação

do livro como um “romance de formação”, assim como alguns pontos importantes a serem registrados sobre o gênero.

O romance “Dôra, Doralina” foi publicado em 1975 pela autora Rachel de Queiroz. A edição neste artigo analisada é do ano de 2017, apresenta 352 páginas e é dividido em três partes: “O Livro de Senhora”, “O Livro da Companhia” e “O Livro do Comandante”. Ele tem, como protagonista, a personagem Maria das Dores, conhecida também como Dôra, jovem que mora em um sítio com sua mãe, viúva autoritária e a proprietária da fazenda, com quem não mantém boa relação. Durante a primeira parte do livro a protagonista conhece seu primeiro marido, contextualiza sua relação com a mãe e com o falecido pai, além dos acontecimentos que levaram a morte de seu parceiro após a trágica descoberta do caso extraconjugal que ele mantinha com Senhora, sua mãe. Ainda nessa parte, Maria das Dores resolve sair de sua casa, no sítio, e ir para a capital de seu estado, Fortaleza.

Alguns meses após cortar o contato com a mãe, Maria acaba entrando em uma companhia de teatro mambembe, que dá nome à segunda parte do livro, e viaja pelo Brasil. Durante essa viagem, ela conhece o Comandante, homem por quem se apaixona e com quem passa a morar no Rio de Janeiro. Já na terceira e última parte, o livro narra os acontecimentos que levaram à morte de sua mãe e a do Comandante e a volta de “Dôra, Doralina” à Solenidade, sua fazenda, assumindo sua administração.

O romance é, segundo Pinto (1990), do tipo *bildungsroman*, ou seja, é um exemplo de romance de formação, caracterizado pelo olhar do texto apontado ao desenvolvimento psicológico do protagonista enquanto essa passa por mudanças importantes em sua vida. Em seu texto, Bakhtin (1997 [1979]) ressalta pontos importantes sobre os personagens desse tipo de romance, que tem seu amadurecimento e construção como sujeito como parte principal do enredo da história:

Nesta fórmula de romance, o herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável. As mudanças por que passa o herói adquirem importância para o enredo romanesco que será, por conseguinte, repensado e reestruturado. O tempo se introduz no interior do homem,

impregna-lhe toda a imagem, modificando a importância substancial de seu destino e de sua vida (Bakhtin, 1997, p. 238).

Nesse sentido, em “Dôra, Doralina”, acompanhamos o processo de amadurecimento de Maria, que passa por diferentes perspectivas e opiniões sobre o papel desempenhado por sua mãe na fazenda e na estrutura familiar de sua casa e sobre sua própria liberdade e identidade. Essas questões baseiam o conflito principal da obra e a trajetória da protagonista. Essa transformação pode ser exemplificada pela posição que Dora tem com relação ao seu conflito com Senhora: a posição de enfrentamento à mãe, exemplificada pelas brigas no início do livro, com o tempo, se transforma em distanciamento para, no fim, ser estabelecido em sentimento de aceitação com relação a tudo que a protagonista vivenciou.

O romance de formação de Raquel de Queiroz pertence a um movimento contra “o problema da ausência da protagonista feminina na tradição do *“Bildungsroman”*” (Pinto, 1990). Sobre a importância dessa atitude de ruptura, Pinto afirma em seu livro:

O ‘Bildungsroman’ é uma forma de realizar essa dupla revisão literária e histórica, pois utiliza um gênero tradicionalmente masculino para registrar uma determinada perspectiva, normalmente não levada em consideração, da realidade (Pinto, 1990, p. 27).

Desta forma, entende-se que o romance de formação tem como foco mostrar as perspectivas psicológicas de um personagem e seu processo de amadurecimento. Além disso, a escrita desse tipo de romance por mulheres, e que protagonize personagens femininas, contém em si um certo espírito de rebeldia, ao proporcionar um destaque a perspectivas que ainda eram pouco reconhecidas, ou seja, ao mostrar os conflitos e desenvolvimentos psicológicos de uma personagem complexa mulher e humana.

A obra, portanto, mostra o amadurecimento da personagem Maria das Dores, que, em um processo cíclico, aprende mais de si e de como ela se relaciona no mundo,

permitindo a discussão de temas relacionados à liberdade feminina, e traz concepções sobre temas de um diferente ponto de vista do que é comumente observado na literatura.

PERSPECTIVAS SOBRE O POSICIONAMENTO DA AUTORA

Raquel de Queiroz, nascida em 1910, mostra-se uma grande autora da literatura ibero-americana. No Brasil, foi a primeira mulher a assumir uma cadeira na Academia de Letras e se destacou também na esfera jornalística. Nesta sessão, o artigo pretende trabalhar alguns de pontos de vista ideológicos e de entendimento de vida da autora, a fim de, posteriormente, aplicarmos essas considerações aos elementos narrativos de sua obra.

Sobre Queiroz, Leite e Costa (2022) afirmam:

Rachel de Queiroz foi uma ilustre escritora, mulher brasileira, que retratou por meio de suas obras: vivências, espaço, tempo, dentre outros, a vida nordestina e brasileira, sem rebuscamento linguístico, com palavras e construções simples, os seus personagens são intérpretes da vida, não meras ilustrações fictícias (Leite e Costa, 2022, p. 147).

A autora, apesar de grande reconhecimento, foi, durante sua vida, acusada de uma incoerência de posicionamentos, exemplificada pelo jornalista Jayme Martins, durante uma entrevista polêmica dada pela autora ao programa “Roda Viva”, em 1991 (Queiroz, 1991, 33:27). A afirmação é de que ela demonstrou, em alguns momentos, contradições políticas. Entretanto, compreende-se, neste texto, que isso apenas mostra a complexidade do pensamento da autora, o que está presente, também, em sua obra “Dôra, Doralina”. Em uma tentativa de explicar as contradições políticas da escritora, Alfredo Bosi (1994), em seu livro “História Concisa da Literatura Brasileira”, afirma:

Já a curva ideológica da escritora poderá parecer estranha, paradoxal mesmo: do socialismo libertário de Caminho de Pedras às crônicas recentes de espírito conservador. Mas explica-se muito bem se inserida no roteiro do tenentismo que a condicionou: verbalmente revolucionário em 30, sentimentalmente liberal e esquerdizante em face

da ditadura, acabou, enfim, passada a guerra identificando-se com a defesa passional das raízes do status quo (Bosi, 1994, p. 396).

O entendimento de que Raquel teria se tornado conservadora ao fim de sua produção literária pode impactar a compreensão de sua obra. Entretanto, a complexidade do posicionamento da autora no espectro político–social leva a um estudo mais aprofundado sobre essas questões, dentre elas seu posicionamento a respeito do feminismo. Ela, apesar de afirmar não fazer parte do movimento (Queiroz, 1991, 43:18), apresenta em sua literatura, o protagonismo das mulheres, muitas vezes, como em a personagem Senhora, em uma posição considerada por opiniões mais conservadoras como masculinas, a de gestora da fazenda: “Senhora era na sua lida, determinando o trabalho dos homens junto com Antônio Amador” (Queiroz, 2017 [1975], p.64) e “Sábado de tarde, Senhora ficava horas e horas na salinha das contas preparando as férias dos homens, anotando os dias de trabalho, descontando os adiantados e as compras na caderneta do Fornecimento” (Queiroz, 2017 [1975], p. 65).

A complexidade de pensamento da autora ajuda na caracterização de seus personagens. Antonio Candido (1972) afirma que essa complexidade das personagens é uma característica dos romances modernos, o que se aplica à obra de Rachel. Seus diferentes personagens ajudam, no contexto geral da obra, a produzir um entendimento do mundo próprio do livro e podem ser classificadas no que Cândido chama de “personagens de natureza”:

As ‘personagens de natureza’ são apresentadas, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isto impede que tenham a regularidade dos outros. Não são imediatamente identificáveis, e o autor precisa, a cada mudança do seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente analítica, não pitoresca. [...] o romancista de “natureza” o vê à luz da sua existência profunda, que não se patenteia à observação corrente, nem se explica pelo mecanismo das relações (Candido, 1972, p. 62).

Aqui, o autor descreve como cada uma dessas particularidades são elementares na constituição das personagens de natureza como regular, termo aqui atribuído à ideia de uma forma particular de viver a vida e de se transformar nela únicas à personagem.

No romance de Raquel de Queiroz, sua protagonista também apresenta essa profundidade, evidenciada desde as primeiras páginas do romance, quando Raquel estabelece a relação complicada da personagem com o sentimento de dor. Aqui, ao mesmo tempo em que a personagem demonstra não gostar do sentimento, afirma não gostar de quando ele adormece. Além disso, ela acha que o correto seria se lembrar da dor e do sofrimento, ou seja, carregá-los consigo:

O ruim é quando fica dormente. E também não tem dor que não se acalme – e as mais das vezes se apaga. Aquilo que te mata hoje, amanhã será esquecido, e eu não sei se isto está certo ou está errado, porque acho que o certo era lembrar. [...] O verdadeiro seria que desbotasse o mau e o bom ficasse nas cores vivas, chamando alegria (Queiroz, 2017 [1975], p.9).

Já nas primeiras linhas do romance, a caricaturização do outro tipo de personagem apresentado por Candido, a de “costume”, não está presente. Desde o começo do livro, a personagem é estabelecida como complexa e o contraste entre as diferentes posições com que toma em relação ao tema constroem uma imagem individual da protagonista, característica presente no primeiro tipo de personagem (Candido, 1972, p.58).

Além de seu entendimento político, a entrevista permite entender outro aspecto da vida e obra da autora. Em um comentário que respondia à pergunta realizada pelo apresentador Jorge Escosteguy sobre se a autora era uma “pessimista”, ela responde: “Essa história de ser pessimista é bom. Você é pessimista, quando vem as coisas ruins você já esperava, quando vem coisas boas você tem uma surpresa. [...] A vida não é lá esse mar de rosas, não. É bom a gente estar preparado.” (Queiroz, 1991, 3:47)

O pessimismo presente na obra se apresenta por meio da morte e do luto sofrido pela personagem. Logo na abertura do romance, é marcada a dor que perpassará a vida

da protagonista, carregada por ela em seu próprio nome, Maria das Dores: “Doer dói sempre. Só não dói depois de morto, porque a vida toda é um doer” (Queiroz, 2017, p. 9).

Dessa forma, podemos entender que as perspectivas apresentadas pela autora na entrevista, exemplificadas na citação trazida aqui, aparecem também na obra “Dôra, Doralina”. A abordagem da temática pela autora mostra como essas ideias são fundamentais à obra e constituem o entendimento da autora sobre a vida. Além disso, a complexidade do pensamento da autora se encontra também na construção da protagonista de Dôra, Doralina, que tem, em sua representação, um movimento contrário ao uso de estereótipos na construção de personagens.

A DOR ATRELADA À LIBERDADE FEMININA

Nesta seção do artigo, serão trabalhados os elementos discutidos na análise de Cristina Ferreira Pinto (1990) em seu livro *O Bildungsroman feminino* sobre o romance de formação de Raquel de Queiroz. Como já visto, o trabalho da autora conclui que o surgimento do romance de formação de autoria feminina e com foco na luta feminina é muito relevante no processo de emancipação das mulheres no país, trazendo uma visão sobre a psicologia desse indivíduo moderno.

Além disso, em seu livro, Pinto (1990) apresenta pontos sobre a narrativa de Queiroz que podem ser levantados. Pinto afirma encontrar um padrão na construção das narrativas de romance da modernista. Esse padrão foi trazido na mesma entrevista de 1991 pelo professor e crítico literário Fábio Lucas, que trouxe o seguinte comentário à autora:

O seu livro e da ... e da Lúcia Miguel Pereira ainda há uma espécie de determinação de desesperança no final do destino de cada personagem, ou seja, uma punição pela tentativa delas de se tornar independente. [...] Na medida em que procurou certa independência, as personagens também foram destinadas a um final de desesperança e uma certa atitude de passividade, ou de crescimento regressivo a partir de certo momento da ficção (Queiroz, 1991, 41:00).

Em resposta à essa análise trazida pelo jornalista, Raquel responde:

No meu caso é meu eterno baixo astral, como diz minha sogra. As minhas personagens sempre são para baixo. Realmente, a vida eu acho que ensina surrando. A gente, eu não, eu nunca acredito em final feliz, eu nunca vi final feliz para nada” (Queiroz, 1991, 42:51).

A aplicação de um final pessimista para “Dôra, Doralina”, entretanto, é desprezada por Pinto. Isso pois, em seu livro, que tem como foco principal o romance, também da autora, *As Três Marias* (Queiroz, 2014 [1939]), Pinto explica, em uma breve análise, que o romance traz uma relação diferente da personagem com as adversidades encontradas em sua jornada:

Dora, a personagem principal, enfrenta os mesmos problemas que as protagonistas anteriores de Raquel de Queiroz, mas, ao contrário das outras, é capaz de encontrar solução para eles, pois supera as limitações tradicionalmente impostas à mulher (Pinto, 1990, p.76).

Assim, a autora entende que a aceitação de Dora do local social que antes ocupava sua mãe e a forma com que lida com todas as perdas narradas durante o livro trazem um tom mais positivo e de esperança. Essa ideia pode ser reforçada quando analisada as últimas passagens do livro, em que o nascimento de uma bezerra, que, em contraste com a volta da personagem ao sítio, traz uma ideia de renovação e de aceitação do passado: “E nós saímos no sol quente para ver a Garapu nova que mugia zangada sem querer passar pela porteira aberta.” (Queiroz, 2017, p. 351). Entretanto, a afirmação de que Dora supera as limitações impostas tradicionalmente às mulheres, pode ser contestada. A próxima sessão tratará também dessas análises, assim como as temáticas relacionadas a “liberdade” presentes no livro.

A LIBERDADE EM “DÔRA, DORALINA”

Um ponto complexo no romance da modernista é a concepção da obra e da autora a respeito da liberdade do ser, cuja análise pode trazer pontos interessantes ao estudo do romance. É isso que será explorado nesta sessão do artigo. No início da entrevista já citada, ao ser confrontada pelo apresentador Jorge Escosteguy com uma citação feita por ela em sua vida (da qual ele não traz a referência), concorda com ela e confirma o estado passivo do ser com relação à vida. Segue a afirmação citada pelo apresentador: “A vida não é uma lição, é uma experiência da qual você não é o agente, mas a cobaia” (Queiroz, 3:58).

A concepção de vida apresentada pela autora, que coloca os indivíduos como controlados pela própria vida, sem tanta autonomia sobre ela, se mostra por toda obra. Nela, mesmo que a protagonista tenha escolhido parte do caminho que traçou, alguns elementos são trazidos a sua vida. Por exemplo, sobre sua entrada no teatro, Maria afirma ter sido “por acaso”.

Um dia, agora, por acaso, quando comecei a copiar os papéis para seu Brandini, eu tinha contado a ele, rindo, esses meus sonhos antigos [...] Pois seu Brandini, naquela hora de aperto lembrou-se das confidências e começou a declarar que eu tinha vocação desde a infância e de certa forma tinha até experiência! (Queiroz, 2017 [1975], p.103).

Somente assim, depois da insistência de um diretor desesperado por alguém que possa fazer o papel de uma atriz desistente, Maria passa a viajar com a companhia. Mesmo tendo interesse desde criança sobre as peças de teatro, nunca foi algo buscado pela jovem, mas algo que apareceu com o tempo e aceito pela personagem. Em seu TCC que analisa a jornada de Dora, Frainer afirma sobre esse momento: “Dôra não quer aceitar a profissão de atriz, mas seu Brandini consegue convencê-la” (Frainer, 2023, p.48).

A liberdade de Dôra durante *O Livro da Companhia* pode ser contestada. Mesmo podendo parecer que a personagem se sente mais livre por conta de sua saída de casa e de

suas viagens pelo Brasil e da realização que tem a personagem, essa percepção se mostra inadequada, colocando-se em vista o pensamento de Raquel sobre tais assuntos. Entende-se, assim, que a protagonista foi levada a esses acontecimentos sem um total poder de escolha, mesmo que sua alegria, comparada ao livro anterior (*da Senhora*), seja maior. A morte de Laurindo, seu marido, não foi intencionada por ela, e os outros acontecimentos se mostram como resultado desse: “Sirva Deus de testemunha, eu naquela noite não pedi a morte de ninguém. Se disse uma palavra foi de dor, não foi de ira. O final que houve eu nunca esperei.” (Queiroz, 2017 [1975], p.84). A partir desse acontecimento, as escolhas de Dora se desenvolvem, sendo influenciada pelo seu relacionamento com o marido e com a mãe, e com a dor que sentia e que a fizeram sair logo para Fortaleza: “Sim, eu fiquei até a visita da cova porque tinha jurado, mais não podia.” (Queiroz, 2017, p.85)

Por outro lado, *O Livro da Senhora* narra toda a relação de Maria das Dores com o autoritarismo da mãe. Seu amadurecimento, proporcionou, sim, alguns momentos em que realizou escolhas importantes, como a de salvar Delmiro. Mas o acontecimento ainda “deu-se” (Queiroz, 2017 [1975], p.39), como se trazido pela vida. “E então deu-se, quando eu andava pelos meus quatorze anos, apareceu na Solenidade um homem, um estranho, por nome Raimundo Delmiro (Queiroz, 2017 [1975], p.39).

É aqui também que se entende a dor relacionada à morte do pai de Dôra, pois ela descreve no livro algumas passagens, em que, ainda criança, apresenta esse sentimento com relação à falta do pai.

Eu ficava com ódio quando elas diziam isso, achavam falta de respeito falarem ‘a alma de seu pai’. E embora eu também de noite não entrasse, de dia gostava de me fechar na alcova, sozinha, e pensar no meu pai, ali, como ele era no retrato da sala, com o bigode retorcido, a gravata grande com um alfinete de coral rodeado de brilhantes miúdos. (Queiroz, 2017 [1975], p.14).

De forma semelhante o *Livro do Comandante* se apresenta, pois, nele, a figura à qual Maria das Dores se submete é seu novo amor, descrito no livro como tento um

temperamento forte e difícil, um pouco autoritário, que se reflete na relação entre as duas personagens. A realização da personagem está presente, mas a liberdade da protagonista ainda se submete a situações que fogem a seu controle e às intenções do marido. Após uma conversa entre o Comandante e o restante da trupe de teatro sobre o verdadeiro nome do primeiro, Asmodeu, dado em uma referência à um demônio da mitologia cristã, Maria afirma: “Tive a premonição medrosa de que o homem, provocado, era capaz de dar uma explosão (desde aquele dia tão longe aprendi a ter medo das explosões dele)” (Queiroz, 2017 [1975], p.190).

Além disso, a morte de sua mãe e a volta dela à Solenidade retomam as relações da protagonista com sua infância. A própria escolha realizada na construção dos nomes das partes denota um sentido de pertencimento da personagem a algo mais, pois, ao narrar sua história, escolhe o nome das partes como sendo “o livro de” mais alguém.

Assim, a “liberdade” que Pinto afirma ser alcançada por Dora, não é atingida completamente pela personagem, pois ela ainda se encontra sendo levada pela vida e, ainda que em menor quantidade, se submete a algumas questões e situações. A esperança se encontra, sim, ao final do livro, mas se constitui pelo entendimento dessa relação entre vida e liberdade e pelo aceite da protagonista dos acontecimentos e das dores de sua vida.

Outro exemplo desse cerceamento da liberdade feminina no romance é trazido por Silva, que afirma:

Sob esse aspecto, a narrativa de *Dôra, Doralina* testemunha tal cerceamento ao recriar cenas (inseridas nas lembranças dos tempos de juventude da narradora) em que as figuras femininas se veem impedidas de concluir seus estudos no colégio, porque sendo vistas como sujeitos destinados ao matrimônio, o conhecimento a que a escola fornece, não é indispensável (Silva, 2013, p.68).

Dessa forma, a afirmação feita por Pinto (1990) e trazida pelo jornalista na entrevista a respeito das obras de Raquel, não pode ser aplicada de forma adequada à obra

“Dôra, Doralina”, pois, neste romance, a dor não funciona como punição à liberdade feminina: a liberdade não se apresenta de forma consolidada na obra, e a dor a atravessa por completo, desde o começo da vida de Maria das Dores.

Em “Dôra, Doralina”, a complexa a forma como a protagonista se relaciona com a dor (já explorada neste artigo), também se encontra na sua relação com a liberdade. Assim, a obra ainda deixa em aberto o quanto a sua protagonista feminina tem liberdade em um mundo patriarcal, trazendo sempre dúvidas ao leitor sobre o quão livre Dora se encontra nos diferentes momentos de sua vida. Essa perspectiva reflete-se na forma com que vemos o papel das mulheres também fora das páginas do livro. A autora mostra o quão complexa são essas questões, e como ainda elas se encontram incompletas na sociedade, como devem ser discutidas e como ainda a representação de mulheres nesse tipo de romance é importante. Assim, a superação das “limitações tradicionalmente impostas às mulheres” apontada por Pinto (1990) não ocorre totalmente na obra, isto pois, a personagem não tem controle total sobre sua vida, assim como a escritora afirma não ter sobre a dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta uma análise da obra, de Raquel de Queiroz, “Dôra, Doralina” e revisa o estudo presente no livro *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros* de Cristina Ferreira Pinto (1990) sobre a obra da autora. O artigo conclui que a análise de Cristina a respeito de outras obras da autora não se aplica ao livro aqui analisado, pois a concepção de “liberdade” se mostra mais complexa do que a considerada pela autora em seu comentário.

Além disso, entendeu-se, no presente texto, que o elemento “dor” se apresenta como constante e intrínseco à natureza humana e à “liberdade”, como uma ilusão que não se apresenta aos indivíduos, já que a vida seria a controladora dos caminhos seguidos pelas personagens do romance. Para isso, a análise dos elementos de construção de enredo

utilizados pela autora, e a escolha da mesma para o título das divisões do livro se mostram essenciais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. O romance de educação na história do realismo. *In: Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1979], p. 223-276.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. *In: CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. p. 51-80. 1972.

FRAINER, Sarah Beatriz. **A Jornada da Heroína em “Dôra, Doralina”, de Rachel de Queiroz**. 2023. 73f. Tese (Trabalho de Conclusão de Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

LEITE, Josefa Lieuza; COSTA, Maria Edileuza da. Rachel de Queiroz, egrégia escritora, na aridez do solo textual sertanejo. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 30, n. 59, p. 144–164, 2022. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/15894>. Acesso em 06 de maio de 2024.

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

QUEIROZ, Raquel de. **As Três Marias**. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2014 [1939].

QUEIROZ, Raquel de. **"Dôra, Doralina"**. São Paulo: Mediafashion. 2017 [1975].

QUEIROZ, Raquel de. Entrevista ao Programa Roda Viva. **TV Cultura**. São Paulo. 01/07/1991: <https://www.youtube.com/watch?v=zzCoEwnI-Ek> Acesso em 06 de maio de 2024.

SILVA, Thaís Fernanda da. **Veleidades histórico-culturais em *Dôra, Doralina* (1975):** representação feminina na literatura de Raquel de Queiroz. 2013. 148f. Tese (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2023.

Data de recebimento:01/11/2024
Data de aprovação:10/12/14